

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15405 - Resumo Expandido - Trabalho - 5ª Reunião Científica Regional da ANPEd Norte (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 11 - Política de Educação Superior

EDUCAÇÃO EM TEMPO DE NEOLIBERALISMO E EDTECHs

Rosimê da Conceição Meguins - UFPA - Universidade Federal do Pará

### EDUCAÇÃO EM TEMPO DE NEOLIBERALISMO E EDTECHs

**RESUMO:** O presente ensaio debate as mudanças produzidas pelo neoliberalismo na educação, com o uso de tecnologias, como as *Big Techs* (Gigantes em Tecnologia) e *AI* (*Artificial Intelligence*) e as formas como tais inovações redimensionam trabalho e subjetividade docente. O objetivo é realizar a crítica teórica dessas questões visando identificar estratégias e procedimentos adotados na produção da nova racionalidade a ser incorporada pelos sujeitos, capaz de apontar possibilidades de reação. Uma articulação entre autores clássicos e contemporâneos do neoliberalismo, com aqueles que abordam a invasão tecnológica no campo educacional e os que analisam os impactos observados no sujeito. As seções sobre neoliberalismo enquanto racionalidade que submete o Estado e que impõe suas formas de ser e agir ao indivíduo, transformando-o em capital humano por meio de mecanismos tecnológicos aplicados ao campo educacional, via *EDTECHS* e *AI* são apresentadas com a pretensão de resgatar no sujeito sua autonomia, autodeterminação e não-aceitação, que a reflexão pode ser de promover.

**Palavras-Chave:** Neoliberalismo e Educação; Educação e Inovação Tecnológica; Trabalho e Subjetividade Docente versus *EDTECHs* e *Artificial Intelligence*

### Introdução

A capacidade que o capital apresenta na superação de suas crises, consideradas cíclicas, é surpreendente. Mas o que o neoliberalismo, fase atual do capital, alcançou após a crise de 2008 chega a ser assustador. “O neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.7).

Diante de tão profundas e inovadoras transformações que continuam a operar mudanças e impor ajustes, somos impelidos a nos desafiar na tentativa de dimensionar como tais mudanças se dão em diferentes níveis, mesmo que o alcance venha ser considerado reduzido ante a amplitude do fenômeno.

Conhecer e compreender os modos pelos quais esse sistema de normas se impõe e funciona em determinados contextos, pode ser relevante para pensar alternativas de ação, que não apenas a de adaptação a ele.

A educação pode ser considerada uma das principais vias nesse engendramento da nova governamentalidade e racionalidade. Daí a decisão de seguir por ela na busca da compreensão de “como a governamentalidade neoliberal escora-se num *quadro normativo global* que, em nome da liberdade e apoiando-se nas margens de manobra concedidas aos indivíduos, orienta de maneira nova as condutas, as escolhas e as práticas desses indivíduos” (DARDOT e LAVAL, 2016, p.21, grifo do autor).

Este ensaio discutirá as mudanças produzidas pelo neoliberalismo na educação, com o uso de tecnologias, como as *Big Techs* (Gigantes em Tecnologia) e *AI (Artificial Intelligence)* e as formas como tais inovações redimensionam o trabalho docente podendo vir a causar sofrimento.

Nosso objetivo é realizar a crítica teórica dessas questões visando identificar estratégias e procedimentos adotados na produção dessa nova racionalidade a ser incorporada pelos sujeitos na constituição de sua subjetividade, capaz de apontar possibilidades de reação, como a retomada de si mesmos.

Um debate entre autores contemporâneos que tratam do neoliberalismo como, Dardot e Laval (2016), Safatle, Silva Junior e Dunker (2022), com aqueles que abordam a invasão tecnológica no campo educacional tais como, Sagrado, Matta e Gil (2023) e os que analisam os impactos observados no sujeito, como Safatle, Dunker e Silva Junior, Neves et al (2023) em articulação com representantes de teorias clássicas como Marx (Materialismo Dialético), Adorno (Teoria Crítica) e Freud (Psicanálise).

### **O neoliberalismo como forma de vida**

Essa forma de vida articula moral e psicologia, economia e direito, política e educação, religião e teologia política propondo um tipo de individualização baseado no modelo de empresa (SAFATLE, SILVA JÚNIOR e DUNKER, 2022, p.9).

As sucessivas crises do capital tem sido capazes de revelar, a um só tempo, sua fragilidade e sua potência. O neoliberalismo, que se funda no Colóquio Walter Lippmann, em 26 de agosto de 1938, em Paris, demonstra como são articuladas as respostas deste sistema às mudanças que venham representar uma ameaça a sua existência ou a sua expansão (DARDOT & LAVAL, 2016,p.71).

Enquanto doutrina, o “novo liberalismo” que visava um alcance internacional, contou com a atuação de organismos, meios acadêmicos e atores intelectuais de grande prestígio para “opor um *front* unido ao intervencionismo de estado” e à “escalada do coletivismo” (DARDOT & LAVAL, 2016,p.73).

Para isto se fez necessário elevar a ordem geral do gerenciamento empresarial pela ampla concorrência ao nível supremo de governança, o que submeteu o Estado e a ação pública ao seu pleno domínio e primazia sem precedentes.

Tal racionalidade se impôs com o resgate do darwinismo social, no qual a competição instalada determina a sobrevivência dos mais aptos, aqueles capazes de adaptação às sucessivas e necessárias mudanças operadas na incessante busca ao lucro.

O Estado deve submeter sua soberania para o alcance da governança, o que significa não adotar medidas que restrinjam a ação empresarial universalizada, nem criar proteção social aos indivíduos nesse modelo competitivo. Ao contrário, *entrepreneurship* (empreendedorismo) e *management* (gerenciamento) passam a se constituir nas novas formas de ser e agir.

### **O sujeito como capital humano**

Para situar nos sujeitos tais formas é fundamental apresentar a competição e a rivalidade como processos naturais na busca de seus propósitos, limitados apenas pela ação do Estado. Ação estatal que é combatida pelo neoliberalismo. Dardot e Laval (2016) descrevem o modo como o sujeito passa a ser produzido de forma a envolver-se inteiramente naquilo que se quer que ele faça. Isso só se faz possível pela ativação de seu desejo. Assim, o trabalhador, agora chamado de “colaborador”, é movido pela vontade de realização pessoal, uma motivação que se transforma em alvo a ser alcançado, capaz de fazê-lo trabalhar para a empresa como se fosse para si.

Ele deve trabalhar para sua própria eficácia, para a intensificação de seu esforço, como se essa conduta viesse dele próprio, como se esta lhe fosse comandada de dentro por uma ordem imperiosa de seu próprio desejo, à qual ele não pode resistir” (DARDOT e LAVAL, 2026, p. 327)

O trabalhador vê-se assim transformado em mercadoria, resultado da retirada de direitos decorrente de alterações estruturais nos processos de trabalho. Flexibilização, terceirização, uberização resultam em condições de precarização aguda que expõem o medo social alcançado pela ausência de proteção e solidariedade coletiva. Medo que resulta da exposição aos riscos presentes nestas condições, pelos quais assume total responsabilidade. Condição que o fragiliza e o submete a níveis mais elevados de exploração pela exigência e comprometimento requeridos.

As implicações: competição, maximização dos resultados, exposição a riscos e responsabilização total por eventuais fracassos são indícios da linha que tangencia conflitos sociais e psíquicos. A racionalidade neoliberal, entretanto, atuará no sentido de apagar tal relação. Da mesma maneira como o trabalhador exposto a riscos permanentes passa a ser reponsável pelos seus fracassos, assim também seu funcionamento psíquico receberá uma reformulação a-histórica.

Freud (1992) afirmava que

A vida, tal como a encontramos, é árdua demais para nós; proporciona-nos muitos sofrimentos, decepções e tarefas impossíveis. A fim de suportá-las não podemos dispensar medidas paliativas. {...} Existem talvez três medidas desse tipo: derivativos poderosos, que nos fazem extrair luz de nossa desgraça; satisfações substitutivas, que a diminuem; e substâncias tóxicas, que nos tornam insensíveis a ela (p. 676).

O sofrimento é reduzido a sintomas, ansiedade e depressão, portanto, não é mais a cura que se busca, mas o aprimoramento (*enhancement*) de si. Ou seja, melhorar sua *performance* (NEVES *et al.*, 2023, p.132). Esses autores fazem uma discussão acerca da relação que se estabelece entre a psiquiatria biologizada, sob a égide do neoliberalismo, com a indústria farmacêutica e sua decorrente entrada no “novo mercado da *digital health* (WYBER *et al.*, 2015, WHO, 2020) que oferece diversos serviços de cuidado, controle e, por que não, de superação de formas variadas de mal estar psicológico” (NEVES *et al.*, 2023, p.157).

Fundamentalmente, o essencial dessas estratégias se resume na construção de narrativas com estrutura problema-solução, em que novos conjuntos de sintomas, cuja resposta tenha sido sensível a princípios ativos, sejam apresentados como “doenças” para as quais a medicina já tem o remédio adequado, a saber, aqueles mesmos princípios ativos (SILVA JUNIOR, 2016 apud NEVES *et al.*, 2023, p. 151)

Para além desse procedimento o mercado farmacológico já permite o uso das *smart drugs* (drogas inteligentes) com o objetivo de aumentar o bem-estar e a *performance* pela prescrição de substâncias psicoativas em pessoas saudáveis como a Ritalina e o Adderall, utilizados como potencializadores cognitivos.

Mas é, sem dúvida, o implante de microdispositivos eletrônicos no cérebro com o objetivo de realizar o tratamento de “transtornos psíquicos com potencialidades de aprimoramento” (NEVES, 2023, p. 161) que nos dão a dimensão do avanço tecnológico sem limites na vida humana. Isto é o que busca a *Neuralink*, *health tech* cofundada em 2016, por Elon Musk.

Se antes a organização social se pautava na submissão dos indivíduos às normas sociais postas e na consequente repressão dos desejos individuais que se contrapunham a essa ordem (uma matriz libidinal freudiana) vemos agora em diversas esferas da vida social um alinhamento total entre desejos individuais e a produção de uma ordem social específica e de caráter duvidoso, em uma dinâmica na qual a autorrealização dos sujeitos faz coro aos imperativos sistêmicos do neoliberalismo (DARDOT e LAVAL, 2017, apud NEVES *et all*, 2023, p.163)

### **A Educação e as *EdTechs*.**

A racionalidade neoliberal, que não conhece limites para sua expansão, encontra na tecnologia uma forte aliada. Ela serve para o aprimoramento do neosujeito, e ao ser aplicada à educação realiza, a um só tempo, sua transformação em um mercado promissor

a ser explorado para maior obtenção de lucro e acrescenta valor ao capital humano que está sendo alvo dessa iniciativa. Pelo menos esse é o produto oferecido. Para isso utilizam

imagens de jovens sorridentes de diferentes origens étnicas e culturais, bem como famílias heterossexuais felizes, com textos sempre muito positivos e depoimentos de usuários e especialistas, destacando valores supostamente universalizáveis do mainstreaming neoliberal como equidade, inclusão e diversidade (SAGRADO, MATTA e GIL, 2023)

Os autores evidenciam que a propaganda utilizada busca adesão pela sedução da oferta de serviços educacionais que promovam a personalização das trajetórias de aprendizagem. A proposta é a oferta de “serviços educacionais sob medida para que cada aluno consumidor possa alcançar uma *experiência de aprendizagem adaptativa (adaptive learning)*” com a utilização de algoritmos, garimpagem de dados, análise de aprendizado e inteligência artificial. O argumento recorrente sustenta a ruptura com o ensino tradicional e o modelo de salas de aula, pela aquisição de valores e habilidades necessárias ao século XXI.

Dentre as *Big Techs* (gigantes tecnológicas estão as americanas, *Alphabet, Amazon, Apple, Meta e Microsoft*; e as chinesas *Alibaba, Baidu, Huawei e Tencent* que monopolizam os serviços educacionais (SAURA, 2023:3 *apud* SAGRADO, MATTA e GIL, 2023). Os investimentos alcançam o patamar de milhões de dólares, enquanto os

lucros obtidos são mais elevados, como da indiana *Biju's* cujo patrimônio supera 10 trilhões de dólares.

Às dimensões do avanço das *EdTechs* com o uso de IA corresponde o impacto promovido na educação e no trabalho docente decorrentes. Trate-se do aprofundamento daquilo que Adorno (1985) denominou de logro, a troca injusta promovida pela Indústria Cultural e seu processo civilizatório. A personalização não passa de consumo do nossa objetificação.

### **Implicações no Trabalho e Subjetividade Docentes**

A tecnologia há muito já se faz presente na educação. A Educação à Distância (EaD) é uma velha conhecida, com posições que vão desde a aceitação incondicional, que não estabelece qualquer tipo de limite ao seu uso e aplicação até sua total rejeição passando pela compreensão de que, a tecnologia não se constitui em modalidade de ensino; mas sim, em um instrumento auxiliar.

A pandemia de COVID-19 impôs indiscriminadamente o seu uso, ao substituir, de forma compulsória, o ensino presencial pelo remoto. Sagrado, Matta e Gil (2023) apontam estudos que evidenciam a invasão das tecnologias digitais e a incorporação de plataformas no campo educacional como os de Saura, Cancela e Parcerisa (2023) que se solapam o fazer docente, alteram seu papel e sua autonomia “(...) Por meio de todas essas mudanças, está sendo gerada a expressão máxima da subjetividade neoliberal digitalizada” (SAURA,

CANCELA e PARCERISA, 2023:28 apud SAGRADO, MATTA e GIL, 2023).

O significado de tão significativas mudanças é deslocamento do eixo central ocupado pelo docente para uma atuação secundária de auxiliar deste novo processo de socialização desumanizada.

### Considerações Finais

A densidade das questões aqui indicadas já estão a exigir estudos e pesquisas com envergadura capaz de não só revelar seus malefícios, mas de causar ruptura com essa racionalidade. Pode ser que tal desafio não pareça ser possível, uma vez que enquanto sujeitos estamos aprisionados, não mais pela “teia da vida administrada”, alegoria usada por Adorno, mas pelo “nó de força” segundo Dardot e Laval, que aumenta a pressão a cada reação esboçada.

Se para sobreviver, o indivíduo precisa desaparecer, transformado em mercadoria. E se é a vida quem determina a consciência e não a consciência que determina a vida, conforme Marx postulou, então torna-se inadiável restaurar no sujeito sua autonomia, a concepção kantiana do termo, pelo poder da reflexão, da autodeterminação e da não participação.

### Referências

ADORNO, T. W. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo : Boitempo , 2016.

MARX, K. *Contribuição para a crítica da economia política*. Santos/SP: Nova Cultural. 1999

NEVES, A et al. *A psiquiatria sob o neoliberalismo: da clínica dos transtornos ao aprimoramento de si*. IN: *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SAFATLE, V.; SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. (org.) *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

SAGRADO, A.L.; MATTA, A.A.; GILL, E. P. *BigTechs e educação: o fim do professor?* Tradução Rôney Rodrigues Outras Palavras, 26.07.2023. Acesso em 24.02.2024.

Saura, Geo; Cancela, Ekaitz; y Parcerisa, Lluís (2023) “Privatización educativa digital. Profesorado”, *Revista De Currículum y Formación Del Profesorado*, vol. 27, núm. 1, pp. 11–37. <https://doi.org/10.30827/profesorado.v27i1.27019>